

COM A PALAVRA O GRUPO THE MANIFEST: HIP HOP, ÉTICA E AFETOS

Bóris Ximendes Bonfanti¹

Dulce Mari da Silva Voss²

Resumo:

No percurso formativo que fiz durante o Curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural, percebo que percorri um caminho de descobertas e novos conhecimentos. Trago nesse texto um recorte da Monografia que marca o fechamento dessa etapa, onde busquei problematizar alguns discursos vigentes em nossa cultura ocidental sobre o Hip Hop e entender, a partir da pesquisa com o Grupo The Manifest, quem são os sujeitos que atuam nesse movimento, o que pensam e como se posicionam no meio social em que vivem e praticam sua arte, música e dança para compreender as novas configurações desse movimento na atualidade. O Hip Hop surgiu nos últimos anos da década de 1960, como práticas culturais dos jovens negros e latino-americanos nos guetos e ruas das grandes cidades. E, na década de 1970, fortaleceu-se nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas da cidade de Nova Iorque. Esse estilo musical possui quatro elementos básicos: o rap, o DJ, a breakdance e o graffiti. Outros elementos culturais que caracterizam esses grupos são as vestimentas e as gírias (OLIVEIRA, 2009). No Brasil, esse movimento começou a ter maior visibilidade, no final de década de oitenta, quando o ritmo musical chamado Rap tornou-se para os jovens das periferias urbanas um meio fecundo para mobilização e manifestação cultural dos problemas sociais existentes (BONFANTI, 2017). Na atualidade o movimento se modifica e a relevância de conhecer essas mudanças está na possibilidade de evidenciar as diferentes culturas juvenis que são marginalizadas por muitas pessoas que buscam um padrão cultural a ser seguido, ignorando o fato de sermos diferentes, tentando encontrar uma suposta igualdade que nunca vai acontecer. Para realizar essa reflexão sobre as reconfigurações dos movimentos Hip Hop na contemporaneidade, desenvolvi uma pesquisa qualitativa com integrantes do grupo o The Manifest da cidade de Bagé-RS, por meio de entrevistas. Adotei a perspectiva metodológica de análise do discurso, na qual é preciso se desprender do esperado, daquilo que, muitas vezes, parece obvio. Enxergar as palavras e as coisas como raras e únicas. Fugir de determinados discursos dados como verdades produzidas pelas práticas discursivas e não-discursivas (FISCHER, 2003). O The Manifest que foi criado em 2006, tem média vinte integrantes, entre homens e mulheres. Os sujeitos se diferenciam, entre 20 e 29 anos. Suas respectivas profissões no momento são: estudante, açougueiro, auxiliar de hotelaria, bailarino e um está desempregado. Todos moram na cidade de Bagé e moram na periferia da cidade, nos bairros São Judas, Cohab, Menino Deus, Castro Alves. E estão no movimento em média 10 anos. Percebi que o amor pelo Hip Hop que cada sujeito jovem que o pratica traz consigo foi um enunciado recorrente nos discursos dos entrevistados. Disseram que se identificam como dançarinos de

Hip Hop. Mas eles são bem mais que isso. São trabalhadores, estudantes, pessoas que lutam para viver independentemente das dificuldades que enfrentam e isso tudo transforma suas vidas e culturas.

Palavras-chave: HIP HOP. ÉTICA. AFETOS

Modalidade de Participação: Pesquisador

COM A PALAVRA O GRUPO THE MANIFEST: HIP HOP, ÉTICA E AFETOS

¹ Outro. bonfantibxb@yahoo.com.br. Autor principal

² Outro. dulce.voss@gmail.com. Co-orientador

Anais do 9º SALÃO INTERNACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO - SIEPE
Universidade Federal do Pampa | Santana do Livramento, 21 a 23 de novembro de 2017

COM A PALAVRA O GRUPO *THE MANIFEST*: HIP HOP, ÉTICA E AFETOS

1. INTRODUÇÃO

No percurso formativo que fiz durante o Curso de Especialização em Educação e Diversidade Cultural, percebo que percorri um caminho de descobertas e novos conhecimentos. Trago nesse texto um recorte da Monografia que marca o fechamento dessa etapa, onde busquei problematizar alguns discursos vigentes em nossa cultura ocidental sobre o *Hip Hop* e entender, a partir da pesquisa com o Grupo *The Manifest*, quem são os sujeitos que atuam nesse movimento, o que pensam e como se posicionam no meio social em que vivem e praticam sua arte, música e dança para compreender as novas configurações desse movimento na atualidade.

O *Hip Hop* surgiu nos últimos anos da década de 1960, como práticas culturais dos jovens negros e latino-americanos nos guetos e ruas das grandes cidades. E, na década de 1970, fortaleceu-se nas áreas centrais de comunidades jamaicanas, latinas e afro-americanas da cidade de Nova Iorque. Esse estilo musical possui quatro elementos básicos: o *rap*, o *DJ*, a *breakdance* e o *graffiti*. Outros elementos culturais que caracterizam esses grupos são as vestimentas e as gírias (OLIVEIRA, 2009).

No Brasil, esse movimento começou a ter maior visibilidade, no final de década de oitenta, quando o ritmo musical chamado *Rap* tornou-se para os jovens das periferias urbanas um meio fecundo para mobilização e manifestação cultural dos problemas sociais existentes (BONFANTI, 2017).

Na atualidade o movimento se modifica e a relevância de conhecer essas mudanças está na possibilidade de evidenciar as diferentes culturas juvenis que são marginalizadas por muitas pessoas que buscam um padrão cultural a ser seguido, ignorando o fato de serem diferentes, tentando encontrar uma suposta igualdade que nunca vai acontecer.

2. METODOLOGIA

Para realizar a reflexão sobre as reconfigurações dos movimentos *Hip Hop* na contemporaneidade, optei por realizar uma pesquisa qualitativa com integrantes do grupo o *The Manifest* da cidade de Bagé-RS, por meio de entrevistas nas quais investiguei sobre suas práticas discursivas e não discursivas enquanto sujeitos que participam desta arte.

Adotei a perspectiva metodológica de análise do discurso, na qual é preciso se desprender do esperado, daquilo que, muitas vezes, parece obvio. Enxergar as palavras e as coisas como raras e únicas. Fugir de determinados discursos dados como verdades produzidas pelas práticas discursivas e não-discursivas (FISCHER, 2003).

O *The Manifest* que foi criado em 2006. O grupo tem em média vinte integrantes, entre homens e mulheres. O universo dos sujeitos pesquisados teve a abrangência de seis pessoas, quatro homens e duas mulheres. Os sujeitos se diferenciam, entre 20 e 29 anos. Suas respectivas profissões no momento são: estudante, açougueiro, auxiliar de hotelaria, bailarino e um está desempregado. Todos moram na cidade de Bagé e moram na periferia da cidade, nos bairros São Judas, Cohab, Menino Deus, Castro Alves. E estão no movimento em média 10 anos.

Segundo os sujeitos que participaram da pesquisa, o grupo reúne-se semanalmente, em espaços públicos, inicialmente nas ruas e no ginásio municipal Presidente Médici e hoje seus encontros ocorrem no Centro do Idoso, na cidade de Bagé.

3. RESULTADOS e DISCUSSÃO

Foucault (2006) analisa o governo de si como as práticas do sujeito sobre si mesmo que conduzem a uma formação ética para adequar-se às regras e códigos morais vigentes na cultura e na sociedade da qual se faz parte ou para transformá-la, pois o sujeito não está totalmente condicionado aos padrões sociais e culturais vigentes, ele pode assumir certa liberdade na condução de sua própria vida. Assim, o governo de si é produzido na relação com os outros, mas sem anular as possibilidades de ação do próprio sujeito na constituição de sua identidade.

Nas falas de alguns dos sujeitos pesquisados foi destacado o preconceito relacionado ao *Hip Hop*, como relatam a seguir:

O jeito que eles se dedicavam, pra aquilo ali, sabe, encaravam o preconceito que, hoje é alto, mas naquela época era mais ainda, porque era uma coisa que, ainda mais em Bagé que é uma cidade pequena, era coisa.. assim.. óh.. até hoje assim, se eu disser, ah eu trabalho no comércio, assim que me vê assim de roupinha arrumadinha, não sabe que eu.. que eu faço dança de rua, né, mas aí quando eu falo as pessoas já olham assim meio de canto, já... já, já tipo, já pensam Ah! Ela.. como é que é? Cara de santa, de santa não tem nada, dança de rua, já é.. ahhh deve de beber alguma coisa, assim, ainda tem esse preconceito, né, lá naquela época mais, e com meus pais também era.. era, pior.. até, nossa! Mas eles demoram anos pra aceitar, até hoje não aceitam muito. (Ana)

Quando os sujeitos entrevistados se posicionam sobre as relações de preconceito vividas pelos movimentos *Hip Hop* na sociedade em que predomina uma cultura e uma ação política elitista, estão presentes nesses discursos os modos como se produz o governo dos outros, pois outros são aqueles que não se enquadram no padrão de normalidade instituído.

Portanto, os sujeitos entrevistados falaram na arte do *Hip Hop* como uma prática que os conduz a adequarem-se ao meio social em que vivem, pois os afasta de riscos, como a criminalidade. Também dizem necessário o reconhecimento social e que suas relações melhoram devido a autoconfiança que adquirem neles mesmos, quando afirmam:

Eu penso assim que o *Hip Hop*, ele é uma chave, assim pra.. educação, ele tira muita gente assim do, dos meios das drogas, eu já vi, assim eu vejo, pessoas assim que conseguem, uns guris mesmo se escaparam de tá nessa vida assim, porque eles entraram pro mundo do *Hip Hop*, pra cultura, sabe, foi o que salvou eles, porque a sociedade onde eles moravam, o local assim onde moravam, podia, ahh.. tinha tudo assim pra levar prum caminho pior, né. (Luiza)

Logo, os discursos dos sujeitos entrevistados apontam para a constituição de uma ética das relações de governo de si e dos outros que visam tornar o *Hip Hop* uma prática aceitável na vida social e cultural pela quebra de preconceitos que associam esses movimentos culturais a desvios de conduta num padrão ético normalizador.

Contudo, conforme os discursos dos sujeitos entrevistados, as práticas vivenciadas pelo grupo através da dança produzem vivências corporais e artísticas que desenvolvem criatividade, força, equilíbrio, disciplina, afetividades:

Realmente é o amor pela dança. Como desde os dez anos eu danço, eu acho que.. eu parei um tempo até também, fiquei um tempo sem dançar, e acabei voltando a dançar porque é o que eu gosto de fazer, eu não... acho que não tem outra coisa que eu sei fazer melhor do que dançar. (Marcinho)

Embora haja as disputas de *performances* nos torneios de *Hip Hop*, os sujeitos do grupo *The Manifest* enfatizam o prazer na vivência da dança pelo movimento corporal que os desafia a experimentar, criar, expressarem-se, romperem seus limites. A valorização das experiências com a dança e os efeitos que

geram na constituição das identidades, indicam uma ruptura com o discurso científico moderno que despreza os sentidos em nome da razão e da filosofia cristã que condena os prazeres corporais. O corpo, suas expressões e movimentos também produzem os sujeitos e seus modos de existência.

Na ótica nietzschiana, o corpo é um permanente jogo de forças, de instintos em relação; trata-se de uma luta entre afetos, sentimentos, entre impulsos que se encontram num constante embate, numa incessante mudança. O pensamento considerado racional, dito consciente, é apenas um resultado, um fruto desse jogo total de forças corporais inconscientes, não racionais (BARRENECHEA, 2011)

Em muitos torneios de dança *Hip Hop* os *bboys* realizam suas performances com passos considerados clássicos, o que os leva a manter as tradições. Mas, as disputas não visam apenas a competição. Como aparece no relato abaixo, os torneios tornam-se espaços de interação, de divertimento, de vivências de amizades e afetos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebi que o amor pelo *Hip Hop* que cada sujeito jovem que o pratica traz consigo foi um enunciado recorrente nos discursos dos entrevistados. Disseram que se identificam como dançarinos de *Hip Hop*. Mas eles são bem mais que isso. São trabalhadores, estudantes, pessoas que lutam para viver independentemente das dificuldades que enfrentam e isso tudo transforma suas vidas e culturas.

Finalizo salientando a relevância da atuação do Grupo *The Manifest* na cidade de Bagé, carente de políticas públicas para a juventude e que ainda conserva padrões culturais elitistas e preconceituosos em relação à cultura e a arte *Hip Hop*.

Nesse caminho também percebi o preconceito que persiste em torno dessa cultura aqui em nossa região. As roupas diferentes, as gírias, muitas vezes afastam algumas pessoas. Outras nem chegam a conhecer porque acaba sendo pouco divulgado em nossas mídias locais. Há uma relutância em acolher essa cultura por parte das pessoas mais conservadoras. As características dos “manos” e das “minas”, com suas roupas largas e bonés, muitas vezes assusta algumas pessoas, pois acabam sendo associadas ao crime e a falta de compromisso. Em muitos momentos a própria cultura de se fazer o que gosta e não se submeter a um padrão é considerada como perda de tempo e falta de vontade de trabalhar.

Se fizermos uma análise com outras artes populares que tomaram inicialmente as ruas e espaços públicos, trazendo jovens da periferia para os centros urbanos, poderemos perceber discursos preconceituosos parecidos. Parece que fazer arte é coisa de quem não quer trabalhar. Infelizmente, para muitas pessoas, ainda há uma triste associação entre trabalho e sacrifício, talvez por sermos de uma região de cultura cristã e campeira, onde a vida e o trabalho do campo sempre exigiram muito esforço para se obter êxito.

Então, para muitos, se não houver sacrifício, não é trabalho. Essas comparações, que geram preconceito, parecem mostrar uma enorme dificuldade que muitos de nós temos em conviver com a diferença. Muitas vezes temos necessidade de comparar as pessoas com algum modelo padrão, constituído culturalmente, tentando encontrar algo de nós no outro, sendo egoístas ao ponto de menosprezar as diferenças em busca de uma suposta igualdade que nunca vai acontecer. Sem perceber queremos que a pessoa seja a mais parecida possível com nós mesmos, como se fossemos o modelo ideal de vida. Ignoramos o fato que nós e todas nossas percepções são culturalmente constituídas, para acreditar que existe uma verdade absoluta que mostra como o mundo deve ser.

Entendo que, não se trata de negar no contexto local a cultura cristã e tradicionalista, que valoriza muito o esforço e sacrifício, mas abrir e fortalecer espaços para a manifestação da pluralidade cultural, vivenciar a diversidade através da convivência com as diferentes culturas, grupos e sujeitos, incluindo o *Hip Hop*.

5. REFERÊNCIAS

BONFANTI, Bóris. O grupo de *Hip Hop The Manifest*: Discursos que produzem identidades, governam relações entre os sujeitos e corpos que transgridem através da arte da dança. Monografia de Pós-Graduação, Universidade Federal do Pampa, Bagé, 2017.

FISCHER, Rosa. Foucault revoluciona a pesquisa em educação?. 2003. [acesso em 24 de abril de 2017]. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/9717/8984>>

FOUCAULT, Michel. Estratégia, poder e saber. Ditos e Escritos IV. 2º ed. Rio de Janeiro, Ed. Forense Universitária, 2006. 464p.

OLIVEIRA, Elisete. In: CAVALCANTE, Márcia; SOUZA, Rui. *Hip Hop*: Uma experiência cultural na escola. Revista Mundo Jovem, p. 61 – 69, 2009.